



AS POSSIBILIDADES DE *ENTRELUGAR* EM ÁLLEX LEILLA: TRILHANDO CAMINHOS NOS ESTUDOS GAYS, LÉSBICOS E *QUEERS*

Micaela Sá da Silveira

(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – micaelauepb@hotmail.com.)

RESUMO: A produção literária de Álex Leilla tem se configurado com espaço profícuo para a discussão das questões de gênero e sexualidades, tendo em vista que põem em debate as relações afetivas que não “ousam dizer o nome”, mas que estão latente no decorrer do enredo. Essas possibilidades de relacionamentos constitui o ponto central de análise deste trabalho, no qual discutiremos noção binária de *ser/estar* homem e mulher através da análise das personagens das obras literárias *Henrique* (2001), *O sol que a chuva apagou* (2009) e *Primavera nos ossos* (2010), a partir do conceito de “entre-lugar”, discutido por Santiago ([1978] 2000), apresentando um novo significado e outra grafia, “entrelugar”, propondo uma maneira de (re)pensar as personagens/sujeitos apresentados na obra analisada e as relações que estes estabelecem. Com isso, percebemos que as definições para as categorias engessantes das relações não são satisfatórias, pois os sujeitos “presentificados” não se enquadram nos moldes binários, social e culturalmente difundidos do que é ser homem e/ou mulher e, por isso, podem ser e/ou estar homem e mulher em um espaço de **entrelugar**.

Palavras-chave: Ser/Estar, Entrelugar, Literatura.

INTRODUÇÃO

Adentrar os caminhos da literatura é entrar em contato com um material que apresenta formas de problematizar os diversos temas que envolvem os conflitos vivenciados pelo ser humano, a exemplo das relações interpessoais; os afetos e desafetos; as fantasias; as experiências bem logradas e as que não obtêm sucesso; os valores apresentados e discutidos em uma determinada sociedade; dentre outras temáticas que versam sobre a existência humana.

A literatura tem se configurado, de fato, como esse lócus para a apresentação de personagens que presentificam os mais diversos sujeitos da sociedade, em suas mais variadas performances.

Fazendo um recorte e trazendo como

centro da discussão as relações de gênero e sexualidades na literatura, percebe-se que há uma possibilidade de abordagem que vem ganhando espaço nas produções acadêmicas, pois algumas produções literárias apresentam-se abertas a uma leitura que desconstrói a noção de categorias de gêneros: heterossexual e homossexual, por exemplo.

A discussão que entabulamos perpassa por esse campo, por essa desconstrução de categorias, tendo em vista que as obras produzida por Álex Leilla têm apresentado personagens que cada vez mais desconsideram o olhar do outro sobre si e vivenciam suas experiências afetivas e sexuais. Nas obras *Henrique* (2001), *O sol que a chuva apagou* (2009) e *Primavera nos ossos* (2010), as personagens que não se veem inseridas nas figurações de feminino e masculino – ou da forma de ser homem ou



mulher –, que foram historicamente demarcados, por não se sentirem contemplados no que está definido socialmente para uma e outra categoria. Além disso, nestas obras, o fato das personagens permitirem-se vivenciar relacionamentos com outros sujeitos deste mesmo entrelugar¹ é um aspecto que ganha papel importante para a análise, de tal modo que urge a necessidade de buscar metáforas para representá-los.

As obras em que nos debruçamos têm em comum o fato de suas personagens se entregarem a relacionamentos com seus iguais ou diferentes, sem que isso as estigmatize ou as fixe em moldes pré-concebidos de gênero e sexualidade. Nestes texto não há subversão à ordem social imposta, pois as personagens simplesmente deixam fluir o desejo, permitindo-se viver relações em constante estado de trânsito.

Diante da leitura crítica dessas obras, objetivamos apresentar uma desconstrução do binarismo como regra de forma fechada, como acontece com a discussão do que é ser/estar homem/mulher e heterossexual/homossexual e, em seguida, propor uma reconfiguração para os sujeitos

¹O conceito de entrelugar que nos apropriamos é o que fora discutido inicialmente por Santiago ([1978] 2000), na ocasião o autor utiliza o termo grafado com a utilização do hífen (“entre-lugar”). A título de diferenciar o conceito apresentado pelo referido autor e a ressignificação que estamos propondo (entrelugar), alteramos também a grafia do termo, como discutimos no Capítulo 1.

que, em sua performatividade, se colocam num espaço de entremeio entre um polo e outro. O que se propõe pensar, parte da noção de **entrelugar** para dizer das relações entre os sujeitos, independente de suas marcações biológicas e de suas predisposições a relacionarem-se com os seus iguais ou diferentes.

ENTRE-LUGAR. ENTRE LUGAR. ENTRELUGAR(ES).

Entabular discussão sobre as formas de verticalizar as relações de gênero perpassa inicialmente pelo reconhecimento que o sujeito faz de si. Tratamos aqui do sujeito ficcional, aquele que está posto na literatura, que é a representação ou presentificação, como afirma Resende (2007) de um sujeito social, mas que resguarda suas particularidades de sujeito de ficção.

Pois bem, nas obras analisadas há uma problematização recorrente: as personagens que compõe a obra questionam a necessidade da rotulação de ser homem, ser mulher, estar classificado como sujeito heterossexual ou homossexual e ter que responder às expectativas que cada uma dessas categorias possui. Esses questionamentos, apresentados pelas personagens, nos inquietou e nos levou a refletir sobre esta necessidade social de enquadrar os sujeitos, de engessá-los.



Na obra *O sol que a chuva apagou* (2009), por exemplo, o protagonista se apaixona pelo colega da banda da qual faz parte, mas, até poder concretizar o desejo e tê-lo em seus braços, Thiago apresenta uma série de empecilhos para que essa relação ocorra, tendo em vista que o objeto de seus desejos, Felipe, é um rapaz heterossexual, que tem uma namorada e, além disso, é assediado pelas fãs da banda – cedendo constantemente aos assédios e mantendo relações sexuais com duas ou três fãs por noite.

Essa característica anunciada no começo do livro faz com que Tiago apresente repulsa para com Felipe, pois se notar envolvido por seu colega de banda, Thiago nos apresenta o “perigo” que está vivenciando ao gostar desse rapaz, pois como ele diz no texto: “Se tem uma coisa que eu aprendi na Inglaterra é que hetero é hetero, *gay* é *gay* e a mulata não é a tal” (LEILLA, 2009, p. 29) e mais, “Sem essa de gostar de homem-hetero, não tenho tempo pra isso, tenha dó” (LEILLA, 2009, p. 20) Ou seja, relacionar-se com Felipe era algo distante, fora do seu alcance, tendo em vista que ele não estava no universo dos gays e “Todo dia ele aparece com uma menina diferente” (LEILLA, 2009, p. 29).

É interessante pensarmos como as categorias heterossexual e homossexual são apresentadas, enquadradas e estigmatizadas,

configurando-se em normas tanto para os heterossexuais, quanto para os homossexuais; pois grupos hegemônicos já definiram o que é cada uma das categorias, mesmo estando apenas inseridos na que é aceita. Lembremos do estudo de Katz (1996, p. 25) que, ao traçar um panorama histórico e social da criação das categorias, argumenta que “a heterossexualidade significa um arranjo histórico particular dos sexos e de seus prazeres”.

Na obra *leilleana*, o interesse de Felipe por Thiago vira alvo de questionamentos, o que reproduz o discurso de: ou se é uma coisa, ou outra. A reprodução desse discurso se dá de tal forma que Matheus, o irmão protetor e cuidadoso de Thiago, de forma clara e objetiva, questionou: “o que você quer com meu irmão, Felipe? Todo mundo na banda só comenta isso agora. É o assunto do dia. A dúvida é geral: afinal, se o Felipe come duas, quatro mulheres numa noite, o que ele quer com Thiago?” (LEILLA, 2009, p. 44).

Diante desse questionamento, somos encaminhados para o desfecho da obra em que as personagens, enfim, se relacionam sexualmente e nos é apresentada uma figura feminina: Maria Alice. A presença dessa figura nos faz, mais uma vez, questionar os locais engessados, pois ao saber da relação de Thiago com Maria Alice e o fato dela não se importar com as preferências de seu amigo,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

leva-nos a repensar o posicionamento do narrador.

Ora, no decorrer do texto ele vê a improbabilidade de concretizar algum tipo de relação com Felipe, por causa das relações do cantor com meninas, mas ele também se envolveu com Maria Alice, mesmo gostando de pessoas de sexo igual. O que estamos denominando de envolvimento não está atrelado a nenhuma materialização de relação afetiva, tendo em vista que não há nenhuma passagem no texto apresentando concretamente tal relação, mas apenas indícios de um envolvimento.

Notadamente, o que está sendo problematizado é a fluidez de categorias, objetivando a realização pessoal de cada uma dessas personagens. Isto é feito de tal forma que as lembranças dos momentos que Thiago vivenciou com Maria Alice estão colocadas exatamente junto às vivências dele com os homens: com Felipe, como percebemos nas passagens anteriores e com Ian.

O que estamos evidenciando, com isso, é a situação limítrofe na qual se encontram as personagens de *O sol que a chuva apagou* (2009). Ora, vejamos: há imbuída no protagonista uma necessidade de prender e fixar o que está vivenciando, mas há também um desprendimento na medida em que ele tenta, e por vezes consegue, se libertar desse sentimento de concretude. Percebemos

que essa passagem representa bem o que encontramos na obra, de um modo geral, pois as personagens estão entre a concretude das relações pré-definidas e o trânsito no qual o desejo é o veículo principal para a efemeridade.

Para estas personagens há uma descoberta em curso de que não há uma única via para *ser* e *estar*; homem e mulher; hetero e homossexual. Há vias de mão duplas, triplas, ou mais formas de experienciar as relações sem a necessidade de o sujeito estar enquadrado em formas. Transitar já nos coloca perante uma não rigidez, uma flexibilidade e liberalidade de pensamentos e ações. E, por isso, a imagem do giz é tão expressiva para a obra, pois ao mesmo tempo em que os escritos de giz criam territórios fixos, por se materializar no ato da escrita; eles também constroem imagens que são eminentemente efêmeras, pela facilidade de apagar a escrita feita por esse material.

Adentrando um pouco na outra de Leilla, *Primavera nos ossos* (2010) apresenta personagens que também fogem ao que é estabelecido para o ser homem e mulher. O conceito que tomamos do que é ser homem e mulher está baseado nos autores que apresentam tais categorias como construção, desmistificando a ideia de que a marcação biológica define o que é ser um e outro sujeito.



Alguns estudos têm apontado para essa noção construtiva do sujeito, a exemplo de Badinter (1993), Nolasco (1995), dentre outros. Há em comum, nessas pesquisas, o fato de associar essa construção a uma imposição social, que considera apenas a marca biológica, ou seja, se o sujeito nasce com um pênis, há uma série de regras com as quais ele deve lidar para que honre a categoria de homem. Para quem nasce com uma vagina, a situação ocorre da mesma forma, como afirma Nolasco (1995, p. 25): “A anatomia tem servido como um porto seguro para referendar algumas certezas culturais criadas para homem e mulher”, daí a necessidade de se rediscutir as construções e expectativas que são criadas a partir do corpo dos sujeitos. Evidentemente a anatomia é um modo de se entender e de se dizer do sujeito, para analisá-lo, para criar leis que são, de certo modo, importante para a convivência social, o problema reside na tentativa de tornar tal categorização única e de prestígio.

Um aspecto interessante de se ressaltar é a forma como Luísa, protagonista do texto, problematiza o desejo de Michel para com seu igual, pois para ela era estranho o fato de ele estar sempre rodeado de mulheres. O caminho percorrido por Luísa é o oposto ao que se tem dito popularmente, levando em consideração a segmentação binária em que homens e

mulheres devem se agrupar entre os seus iguais, cada um em seu lugar distinto.

O que temos claramente posto na relação entre essas duas personagens, está para além do sentimento de amor, carinho e cuidado que tinham. Michel direcionava para aquela mulher um desejo sexual que está descrito em várias páginas e com riqueza de detalhes. Ele sentia uma necessidade cada vez maior de manter relações sexuais com Luísa, pois ele:

Não conseguia entender quanto sentia fome e sede dela, e, ao mesmo tempo, como queria por tudo manter-se distante daquela mulher. [...] Quanto mais fosse dela e a tivesse para si, quanto mais achava estranho querer uma mulher e, acima de tudo, uma amiga daquele jeito [...] O que queria extrapolava a satisfação física. Ao contrário, a fome aumentava quando faziam amor. Não lhe bastava o gozo. O gozo é um fato logo consumado (LEILLA, 2010, p. 194 - 195).

Observemos nessa citação que Michel deixa claro o seu desejo latente por aquela mulher que era capaz de fazer seu corpo despertar sensações nunca antes vivenciadas. Está explícito que esse desejo era permanente, era chama acesa, era uma necessidade de vivenciar aquele momento, não apenas pelo



gozo em si, pois a relação que eles mantinham ia além de amor/amizade e desembocava no prazer a dois; mas porque aquilo gerava um ciclo de necessidades sem fim.

O que vemos entre Luísa e Michel é a “revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo. Na verdade, a revelação do que é mantido oculto das outras pessoas é um dos principais indicadores psicológicos, capaz de evocar a confiança do outro e de ser buscado em retribuição” (GIDDENS, 1993, p. 153 – 154), ou seja, percebemos entre as personagens a ligação que Giddens chamou de “intimidade”.

Ainda no que se refere à intimidade, e voltando ao texto de Leilla, uma passagem que merece destaque é aquela em que Luísa apresenta suas concepções sobre o estereótipo do que é ser gay. Estas, notadamente, estão atreladas ao pensamento comum que relaciona as brincadeiras da infância ao tipo de relação que o indivíduo manterá ou poderá manter na vida adulta, como vemos no trecho que segue:

- Dizem que meninos *gays* brincam de casinha quando pequenos.
- Mentira, eu nunca brinquei de casinha, e desconheço algum amigo meu que tenha brincado. Só os que já nasceram querendo ser mulher, acho.

- E como é isso de serem mulher?
- Dizem que sempre se sentiram mulher (LEILLA, 2010, p. 224).

O que está problematizado nesse diálogo, além dos estereótipos do que vem a ser um sujeito *gay* e as preferências de Michel é, mais uma vez, o binarismo construção/essencialismo, tendo em vista que o trecho estabelece duas relações: as influências da infância que direcionam para a homo ou heterossexualidade, como foi dito; e uma relação que afirma que algumas pessoas já nascem sentindo-se pertencentes ao gênero oposto, uma vez que não se reconhecem na marcação biológica à qual estão vinculados. Por exemplo, a condição *trans*, que é caracterizada pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico.

Evidencia-se na obra, de um modo geral, que há pontos comuns tanto nas passagens do texto em que Luísa narra, quanto na narração feita por Michel. O que destacamos é o fato de que, mesmo sendo trocada por um rapaz, Luísa mantém-se envolvida com Michel mesmo sabendo das relações dele com outros rapazes antes de casar. Ou seja, em nenhum momento ela foi enganada por seu companheiro – apenas houve o ranço causado pela presença de outra pessoa entre os dois. Há, portanto, um momento de adaptação dela frente à situação de estar com um homem cujo desejo não tem



limites para gênero e sexualidade, diante do que está posto na obra, quando analisada numa perspectiva que desconstrói, mas não invalida, os estudos gays e lésbicos.

Em *Henrique* (2001), o que vamos perceber é a fluidez de laços que outrora estavam presos de forma bastante firme, além de visualizarmos o constante questionamento das posições que ocupam do que vem a ser o sujeito, se homem ou mulher, se hetero ou homossexual. A primeira relação que está posta no texto é a que se estabelece entre Henrique e Víctor que é um amor que nasce com o “melhor amigo desde a infância, atravessando a adolescência e indo até a maturidade passa pelos percalços da dúvida, do medo, do questionar a si a despeito da identidade sexual” (GARCÍA, 2012, p. 5).

O posicionamento de Vic, com relação a ser homem e ser mulher e a forma como ele compreende a relação que mantém com Henrique, é um aspecto muito discutido durante o texto, como podemos ver no diálogo que segue:

– Tudo bem – ergui os olhos à procura dele – Não sou homem mesmo não. Pronto.
– E o que você é afinal, cara? Mulher?
– Não sei – eu disse.
– Ah, sai dessa, Rique! É ruim, hein! Não tem graça nenhuma, você bem sabe que não gosto de mulher...

– Não sei por que não gosta...
– Ora! Pronto! Tô fodido agora...
– Que foi?
– Que foi o caralho! Você parece que é demente...
– Então sou...
– Deixar de ser homem para querer ser mulher...
– Eu não disse que isso, nunca lhe disse que eu era mulher...
(LEILLA, 2001, p. 45).

A conversa entre os grandes amigos continua, mas, por ora, paremos aqui para compreendermos alguns aspectos. Vejamos: Henrique, já de início, afirma que não é homem, uma vez que, se o desejo dele é direcionado para outro igual, ele não atende aos “pré-requisitos” necessários para ser homem. Não apresenta características de uma masculinidade viril, não sente desejo por mulher, chora, se emociona, fugindo, assim, do que se espera dos sujeitos com pênis. Segundo Nolasco (1993, p. 103-104), “Um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob a forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser um homem”. Percebamos que o conflito vivenciado por Henrique, ainda na infância, está atrelado à noção engessada do que pode, ou não, fazer o sujeito homem.

No entanto, o que está também posto no diálogo é que o personagem não é homem,



nos moldes engessados em um contexto de duelo de categorias, e também não quer dizer que é mulher. O que esse personagem sugere é uma não definição para o que se é, pois as categorias que existem não são suficientes para dizer do que vivenciam.

A problematização que Leilla coloca na voz dos garotos não fica apenas no aspecto do binarismo. Aborda também uma questão do essencialismo e construtivismo, no que diz respeito à construção da sexualidade. Isso está bem marcado na fala do protagonista, ao afirmar que “Se houvesse isso de escolher, tinha que ser antes de a gente nascer” (LEILLA, 2001, p. 47). O que ele põe em discussão não passa apenas pela homossexualidade e se a mesma é via de construção ou essência. O que ele apresenta é o questionamento do corpo, desconstruindo a ideia de que este é responsável pela configuração do desejo.

Fugir deste “engessar social” é algo presente em toda a narrativa e não apenas no que tange às categorias de hetero e homossexual, mas também às representações familiares impostas: pai, mãe, irmão, tio, avô. Notadamente as personagens estão saindo desses espaços fechados a fim de encontrarem o seu **entrelugar**: um espaço no qual as definições do que é ser homem e mulher não sejam fechadas e sim móveis, transitórias, onde o direito de estar seja atendido.

PARA PENSAR UM ENTRELUGAR

Nas análises das obras, percebemos que há uma inquietação posta nas narrativas sobre a necessidade de não *estar* nem *ser* algo fixo – que se molda às categorias definidas através de configurações de discursos históricos e sociais. A proposta é pensar no **entrelugar** onde todas essas categorias fossem desconsideradas e as relações entre os sujeitos pudessem ser construídas nessa perspectiva.

A noção de entrelugar com a qual estamos trabalhando é a que foi discutida inicialmente por Santiago ([1978] 2000, p. 9), ao afirmar que “o lugar que ocupa hoje o discurso literário latino-americano, no conflito com o europeu”, ou seja, o influxo estrangeiro que a produção nacional sofreu, ainda na década de 1970, colocando em pauta a relação de centralidade e marginalidade, referência e cópia, dominador e subjugado; e o limítrofe entre uma coisa e outra, como sendo o espaço de subversão da Ordem. Na obra em que Santiago apresenta essa noção de entre-lugar, o que está evidenciado é esse local de trânsito e descolamento fronteiriço preconizando o crescimento da cultura local e relacionando-a com o que está posto pelos fluxos culturais externos.

Para além do que postula Santiago, uma definição que ficou bastante conhecida acerca do entre-lugar foi a de Bhabha (1998),



que ao comentar sobre o trabalho de Renée Green, em especial sobre o poço da escada que estabelece ligação entre as partes superior e inferior de uma de suas obras, afirma que esse poço propicia uma passagem e afirma que:

O poço da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença a entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta (...) (BHABHA, 1998, p. 22).

A analogia apresentada pelo autor ficou conhecida pelo fato de metaforizar de forma bem prática o que seria esse espaço próprio para o movimento e para transitar sem que, necessariamente, se fixe nos polos, ou seja, no andar superior ou inferior. A sensação que a analogia apresentada em *O local da cultura* nos oferece é de que, mesmo com

locais imóveis, há uma possibilidade visível e clara para não permanecer nem em um lado e nem em outro.

A discussão apresentada por Bhabha é direcionada aos hibridismos formados pelas diferenças culturais sem considerar os polos como aspectos segregacionais nestes extremos. O autor afirma que a “fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 1998, p. 24). Ou seja, a fronteira é um ambiente positivo, pois permite o contato com a diversidade cultural.

Trazendo o conceito para o nosso estudo e pensando as configurações de gênero e sexualidades, refletimos sobre o que pode ser o sujeito, além do binário par homem e mulher? Pensemos nas performances: os sujeitos podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais, pansexuais, etc., mas o ponto inicial é a designação de ser homem e/ou mulher e, a partir daí, manter relações com outros sujeitos. Pensar esta fronteira foi o que nos permitiu trazer à baila o conceito de entre-lugar e ressignificá-lo para que pudesse ser o **entrelugar** dos sujeitos que apresentam performances fronteiriças, passeiam por esse vão da escada e se permitem conhecer e vivenciar a diversidade das relações afetivas e sexuais. Pensando dessa maneira, problematizamos as categorias que são colocadas como modelo a serem seguidos.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ainda nessa perspectiva de adotar o entre-lugar conceituado por Santiago ([1978] 2000), outro estudo relevante é o do pesquisador Flávio Camargo (2009) que busca o espaço de travessias, digamos assim, para as experiências homoafetivas em um conto de Caio Fernando Abreu.

Compreendemos a relevância dos estudos citados para que observemos o homoerotismo e a homoafetividade sob outra perspectiva. No entanto, o que propomos vai além das fronteiras das relações iguais, tendo em vista que nas obras analisadas o que está evidenciado é uma reconfiguração das categorias basilares de ser homem e mulher, deixando de lado se os sujeitos *são/estão* homo ou heterossexuais, por mais que as personagens questionem constantemente o pertencimento a uma categoria ou outra.

Tal discussão merece ser ampla e atuante, uma vez que possibilita que os sujeitos estejam o que desejarem estar, como temos percebido em algumas obras literárias, bem como em análises que, por mais que percebam a variedade de performances, acabam por negligenciar a possibilidade das relações variadas em que o desejo seja o ponto de partida e chegada para tais personagens.

Assim, para os sujeitos ficcionais que observamos na obra de Leilla, o preponderante é a capacidade do outro

proporcionar prazer, independente de qual seja a marcação sexual. Dessa forma, podemos dizer que a pele é o órgão sexual que é capaz de acender o desejo para com o outro e não o pênis e/ou vagina. Esse pensamento já era discutido desde 1976, por exemplo, por Deleuze e Guattari em *O anti-épido*, nos permitindo problematizar, desde então, o corpo inteiro como sexual.

Entender o corpo como sendo inteiramente sexual nos liga diretamente ao fato de desconstruir a ideia de órgãos sexuais. Isto nos permite, também, adentrar na discussão do ânus como sendo um órgão sexual, questionando tabus e ampliando o debate que é tão antigo quanto às práticas sexuais.

Diante disso é que percebemos o quanto é temido e ao mesmo tempo importante repensar a noção de corpo e o que está socialmente marcado como sendo essencial para as figurações do masculino e do feminino. Por exemplo, e, para além disso, ampliar o debate da simplificação dos corpos, pois assim como toda a extensão da pele, o ânus é também mais uma parte que é capaz de despertar sensações, assim como todo o corpo sexual.

Essas questões estão diluídas nas obras analisadas e nas relações estabelecidas. Diante disso, um aspecto importante de se pensar é: Em que tipo de estudo cabem essas relações?



Evidentemente que os estudos que se debruçam apenas nas relações de gênero e sexualidades não são suficientes. É necessário incluir a perspectiva *Queer* nestes estudos para que possamos compreender melhor o que está apresentado nos textos de Leilla.

Segundo Louro (2004, p. 38), “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” e toda essa estranheza está relacionada ao sujeito e à performance que este assume socialmente. Segundo Butler (1999), os sujeitos *queers* são aqueles que não se enquadram numa norma social e são alocados à abjeção, por terem materializado em seus corpos, e em sua existência, práticas que os fazem serem vistos como sujeitos menos humanos, por estarem fora da Ordem e fora do que esta mesma Ordem rechaça.

Os sujeitos *queers* são aqueles que vivem a condição abjeta, tendo o limbo e a exclusão como os primeiros lugares a serem sujeitados, como discute Kristeva (1982). Para a autora, os abjetos não apenas existem numa forma excluída da normalidade, eles são parte constitutiva dela e a grande ameaça para a mesma.

Ou seja, o que perturba a sociedade é a ambiguidade daquilo que foge às suas regras impostas e domínios. É perigoso, socialmente falando, lidar com sujeitos que não se

localizam em nenhum lugar pré-definido, mas que estão em sociedade, que são notáveis.

Muitos teóricos têm afirmado que ser homem ou mulher é uma construção. Badinter (1993, p. 8), por exemplo, diz que “Ser homem ou mulher era antes de tudo uma hierarquia, um lugar na sociedade, um papel cultural, e não um ser biologicamente oposto a outro”.

Diante desse par binário, nos questionamos: qual é a fronteira, a linha tênue, que separa um sujeito de outro? Como podem ser nomeados os sujeitos que não se identificam com um polo nem com o seu opositor? Ao tratar da bissexualidade na obra *Vice-versa*, Garber (1997, p. 22) aponta-nos um dado importante sobre as fronteiras. Ela assegura que “Quanto mais fronteiras a serem patrulhadas, mais travessias são feitas” e tal ato é “uma “transgressão”, aos prazeres excitantes e culposos de transgredir, de se intrometer, de espionar e de se comportar mal”.

Apesar de tratar da bissexualidade, a afirmação da autora corrobora a discussão entabulada, tendo em vista que a bissexualidade também é vista como **entrelugar**, por não ser tão legitimada quanto as demais categorias citadas, por mais que haja representação social.

É tentando pensar numa perspectiva mais abrangente que trazemos o conceito de **entrelugar**, pois esse espaço acaba por se configurar em um lugar de travessias e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

deslocamentos em que é possível, para os sujeitos, estarem e vivenciarem suas relações. Colocamos o **entrelugar** como um dispositivo capaz de desmistificar a necessidade social de enquadrar – em uma categoria ou outra – e de romper com os limites impostos ao sujeito para que este seja apenas aquilo que as concepções binárias permitem, possibilitando a não fixidez de uma identidade.

A noção de *estar* é fluida e escorregadia, e, justamente por isso, sentimos a necessidade de encontrar um espaço que permitisse que as personagens colocassem em ação suas vivências e experiências sem que, com isso, estivessem numa categoria limitante.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.
- CAMARGO, Flávio Pereira. O entre-lugar das experiências homoafetivas em “A aqueles dois”, conto de Caio Fernando Abreu. In: _____. ; SILVA, Antonio de Pádua Dias da; CAMARGO (orgs). *Configurações homoeróticas na literatura*. São Paulo: Claraluz, 2009. p. 69 – 86.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GARBER, Marjorie. *Vice-Versa*. Trad. Ivanir Calado. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GARCÍA, Paulo César. Representações da diversidade sexual em narrativas de ficção da atualidade. *Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*. Volume 1. Número 1. Salvador: UFBA, 2012.
- KATZ, J. N. *A invenção da heterossexualidade*. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of horror: An Essay on Abjection*. Trad. Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.
- LEILLA, Álex. *Henrique*. Salvador: Domínio Público, 2001.
- _____. *O sol que a chuva apagou*. Salvador: P55 Edições, 2009.
- _____. *Primavera nos ossos*. São Paulo: Casarão do verbo, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. Um homem de verdade. In: Caldas, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac. 1993, p. 14-29.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.